

ALIMENTAÇÃO E EUGENIA: REFLEXÕES DE GILBERTO FREYRE E ALEIXO DE VASCONCELLOS NA DÉCADA DE 1920

Marco Antonio Stancik
marcostancik@hotmail.com
Doutorando em História - UFPR

Resumo

A proposta do artigo é analisar algumas das perspectivas observáveis no Brasil da década de 1920 relativas aos temas da eugenia e da alimentação. Para tanto, são comparadas as idéias defendidas por Gilberto Freyre (1900-1987), em contraposição às do cientista Aleixo de Vasconcellos (1885-1961). Estudo comparativo que evidencia os processos criativos, críticos, seletivos e originais de apropriação de teorias científicas, na forma como foram revelados por cientistas e intelectuais brasileiros.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Aleixo de Vasconcellos; História da Alimentação; Eugenia.

Abstract

The aim of this article are the proposals related to eugenics and alimentation in Brazil, in 1920's. With this objective, are compared the ideas of Gilberto Freyre (1900-1987), in opposition to the scientist Aleixo de Vasconcellos's (1886-1961) ideas. Comparative study to evidences the creative, the critical, the selective and the original processes for the appropriation of scientific theories, as revealed by the Brazilian scientists and intellectuals.

Key-words: Gilberto Freyre; Aleixo de Vasconcellos; The History of Alimentation; Eugenics.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre as perspectivas de Gilberto Freyre (1900-1987) e Aleixo de Vasconcellos (1885-1961) tendo em vista as correlações por eles estabelecidas entre alimentação e

eugenia, no transcorrer da década de 1920. Com isso, mais que simplesmente realizar um exercício de comparação em torno de um tema bem delimitado, pretende-se proporcionar melhores esclarecimentos sobre a perspectiva de dois autores que, naquele período, pensaram a sociedade e o homem brasileiros, sua constituição física, racial, bem como suas condições de saúde.

Abordar a obra de Gilberto Freyre é, segundo muitos autores, tarefa indispensável àquele que se dispõe a estudar a sociedade e a cultura brasileiras. Sua obra *Casa-Grande e Senzala* (FREYRE, 2002), publicada em 1933, tem sido apontada como um marco na produção intelectual relativa à identidade nacional no Brasil. Constitui assim “um dos livros clássicos do pensamento social brasileiro”, “um dos trabalhos fundadores de uma imagem de povo e de nação brasileiros” (GOMES, 2001, p. 31). Analisá-la em contraposição à produção intelectual do médico e cientista Aleixo Nóbrega de Vasconcellos, nome hoje praticamente desconhecido, pode, por sua vez, auxiliar-nos a pensar uma série de questões que se colocaram à intelectualidade brasileira nas primeiras décadas do século XX.

No presente trabalho, pretende-se trazer algumas contribuições para se pensar certas temáticas comuns às obras de Freyre e Vasconcellos no transcorrer da década de 1920. Particularmente a atenção dispensada por ambos à problemática da correlação por eles estabelecida entre alimentação e eugenia, tema que assumiu especial importância no pensamento de Aleixo de Vasconcellos¹ daquele período (STANCIK, 2002) e que perpassa boa parte das reflexões presentes em *Casa-Grande e Senzala* - entre as obras de Freyre, aquela que obteve maior repercussão.² Assunto que, na obra de ambos, adquire importância por ser tratado enquanto uma das marcas distintivas da identidade nacional brasileira.

Ou seja, trata-se de problemática cuja abordagem, na produção daqueles dois intelectuais, esteve intensamente vinculada à da identidade nacional, a qual ocupou parcela significativa da intelectualidade brasileira do período. Isso num contexto onde o brasileiro era habitualmente visto como um homem degenerado. Onde o cientificismo raciológico mostrava-se preocupado com as conseqüências negativas que se dizia decorrentes da mistura de raças - verificada no Brasil em escala que se supunha até então inédita - e que teria resultado, segundo se afirmava, na decadência, na degeneração, na inferioridade, no atraso do homem brasileiro (SKIDMORE, 1989; VAINFAS, 1999, p. 12; TEIXEIRA, 1997, p. 234).

Assim, a principal marca distintiva do brasileiro seria, no entender de boa parte da intelectualidade daquele período, a degeneração decorrente da mescla racial.³ E por isso o brasileiro seria um homem apático, de saúde débil, com seu crescimento comprometido, incapaz para o trabalho, e de incorporar-se à modernidade e à civilização.

Uma importante inflexão nessa perspectiva veio a ter lugar por obra do pensamento higienista.⁴ Este, ocupando-se do problema da identidade nacional, colocou a doença, o abandono das populações dos sertões, a falta de higiene, como responsáveis por aquela suposta decadência do brasileiro (CASTRO SANTOS, 1985). Bastaria zelar pela boa saúde, pelo estado de higidez da população, para que aquela condição viesse a se reverter. Reinterpretou-se assim o problema eugênico⁵ de regeneração da raça brasileira, segundo a ótica higienista. Conforme suas proposições, não mais se faria necessário o branqueamento⁶ para recuperá-la, para regenerá-la.

Referindo-se à *Casa-Grande e Senzala*, Teixeira (1997, p. 236) é enfático:

Não temos dúvidas de que Freyre foi influenciado pelos sanitaristas das décadas de 1910 e 1920. Ao relacionar a questões de saúde muitos dos males antes atribuídos à raça e ao meio, e afirmar a possibilidade de transformação do quadro de indigência de grande parte de nossa população, ele retoma os principais argumentos do movimento pelo saneamento.

O pensamento higienista constitui assim referencial presente e influente em Freyre e Vasconcellos, um importante ponto de partida para suas reflexões sobre o homem e a sociedade brasileiras, e um divisor de águas em relação à perspectiva racista.

Outro aspecto a se enfatizar quanto às dimensões cultural e econômica do período em análise é uma crescente influência norte-americana sobre o Brasil. Influência que marcou profundamente tanto o pensamento de Vasconcellos, quanto o de Freyre. Este último graduou-se e cursou o mestrado naquele país. Lá estudou com o antropólogo Franz Boas, cuja obra tornou-se um importante referencial na produção de *Casa-Grande e Senzala*.⁷

Vasconcellos, por sua vez, apresentou inúmeras vezes a sociedade norte-americana como um modelo a ser seguido pelo seu país. Um modelo que serviu-lhe de inspiração na construção de sua perspectiva sobre o homem e a sociedade no Brasil, bem como ao propor-se a fazer a divulgação dos conhecimentos científicos.

Além disso, na década de 1920, o jovem cientista carioca Aleixo Nóbrega de Vasconcellos, formado em Medicina em 1908, viveu provavelmente aquele que foi o momento de maior expressividade em sua carreira. Mostrou-se ele capaz de atuar a um só tempo em diversificados domínios, quais sejam o da medicina clínica e experimental, o do higienismo, o farmacológico, o editorial, o da gestão de serviços públicos de âmbito federal, o da educação (STANCIK, 2002).

Naquele período, Vasconcellos foi reconhecido como o precursor brasileiro nas pesquisas relativas a temas tão diversificados como a disenteria, o

tratamento da coqueluche e o estudo microbiológico dos fermentos lácteos. Atuando na direção da Seção de Leite e Derivados do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, tornou-se também uma autoridade em temas relativos à higiene do leite e laticínios. Nesta condição, foi indicado pelo governo federal para representar o país em congressos internacionais, tendo estado à frente na organização de congressos de âmbito nacional ligados àqueles temas e outros a eles relacionados (Id.).

Outro detalhe que merece destaque é que Vasconcellos não apontava para a miscigenação racial como uma causa determinante daquela suposta degeneração. Muito embora, como era praxe entre os higienistas de então, afirmasse urgente trabalhar-se em favor do ‘aprimoramento da raça’. Mas, em lugar do branqueamento, Vasconcellos apontava para outras soluções. Elas se resumiriam, basicamente, na higiene - entendida como a conjugação de asseio e higidez - e na educação, numa perspectiva segundo a qual desta última dependeria a primeira.

Propunha assim que, educado, o brasileiro passaria a adotar procedimentos higiênicos, entre eles o bem alimentar-se. Desta maneira, educado e dotado de hábitos higiênicos, entendia, o homem brasileiro se faria forte, saudável.

Diante disso, considera-se relevante fazer um contraponto entre o pensamento de Vasconcellos e o de Freyre, tendo em vista que ambos, ao abordarem o homem brasileiro, o fizeram enfatizando não um pretensão mal de raça, mas apontando para outras questões. Isso lhes confere uma significativa singularidade naquele contexto. Ao mesmo tempo, evidencia claramente, por um lado, as diferentes possibilidades de interpretação da realidade social brasileira do período. Por outro, que Freyre, ao sistematizar sua percepção sobre a identidade nacional, ao enfatizar o processo de miscigenação, numa análise abrangente e inovadora, não o fazia na condição de voz única e solitária a buscar outros fatores, que não a degeneração racial, para distinguir o homem brasileiro.

Assim, o presente trabalho pretende contribuir para um melhor esclarecimento das obras de Gilberto Freyre e Aleixo de Vasconcellos. Isso tendo-se em vista a abordagem dos autores relativa aos temas da nutrição e da eugenia, na forma como ambos as apresentaram ao pensarem a sociedade brasileira no correr da década de 1920. Contexto de profundas transformações políticas e culturais, e momento em que o ideário eugênico e racista prevalecia no país.

Isso por considerar-se que, apesar da disparidade nas dimensões das obras analisadas e na repercussão das mesmas, elas nos possibilitam perceber como dois autores apropriaram-se diferenciadamente dos bens culturais então circulantes na sociedade. E, a partir disso, que se perceba ainda como chegaram a conclusões, proposições e diagnósticos diferentes e mesmo divergentes relativos ao homem e à sociedade do período.

TEORIAS, IDÉIAS E SUA APROPRIAÇÃO

Trabalhando em torno das abordagens na produção da história das idéias, Francisco Falcon (1997, p. 113-114) aponta para as de natureza analítica e as classificatórias ou tipológicas. Atendo-nos à primeira, a analítica, temos, segundo o autor, que estas trabalham com algum tipo de pressuposto a respeito das relações entre o universo das idéias, ou intelectual, e o universo do mundo social.

Ainda segundo o autor, entre aqueles que optam por esta variedade de abordagem, se abstendo de empregar o conceito de ideologia, ou o utilizando de forma episódica, ganham força as noções de práticas e representações sociais ou coletivas. O conceito-chave torna-se então o de representação, nos termos propostos por Roger Chartier. Já as idéias e/ou ideologias ingressam na ordem dos processos simbólicos, no sentido trabalhado por Pierre Bourdieu.

Enfatize-se ainda a constatação de Falcon (Ibid., p. 117), que aponta para “a certeza de que as idéias desempenham um ‘papel diferente’, possuem uma ‘relevância social’ específica e a descontinuidade constitui um pressuposto básico”, a orientar tais abordagens. Saliente-se que a noção de descontinuidade nos remete, entre outros, a autores como Michel Foucault, com sua percepção de que a história deve ser a história das rupturas, e não das permanências. Mas remete também a Bourdieu e a Chartier, os quais igualmente insistem na descontinuidade histórica e social.

Desta maneira, tendo em vista as possibilidades da história intelectual, Helénice Rodrigues da Silva (2002) apresenta algumas indicações. Segundo a autora:

... a história intelectual parece visar, essencialmente, a dois eixos de análise: por um lado, o funcionamento de uma sociedade intelectual (o conceito de ‘campo’ de Bourdieu), ou seja, suas práticas, suas estratégias, seus *habitus*; por outro, as características de um momento histórico e conjuntural (...) que impõem visões de mundo, esquemas de percepção e apreciação, enfim, modalidades específicas de pensar e de agir por parte dos intelectuais. Em outras palavras, a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos. (Ibid., p. 12)

Neste sentido, noções tais como práticas, representações e apropriação, desenvolvidas por Roger Chartier (1990; 1991), apresentam especial interesse. Tendo em conta que pertencimentos distintos proporcionam condições diferenciadas a partir das quais os agentes e as instituições atribuem sentido, Chartier

(1990, p. 16-17) enfatiza o objetivo de se “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Afinal, “os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos, que os suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole” (Ibid., p. 25). Os bens culturais, as obras, somente adquirem sentido “através da diversidade de interpretações que constróem as suas significações” (Ibid., p. 59).

Importa, portanto, realizar a “análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas” (CHARTIER, 1991, p. 178). Desta maneira, segundo o historiador:

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (...) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (Ibid., p. 180)

Portanto, ao analisar as obras de Gilberto Freyre e Aleixo de Vasconcellos, importa perceber as “práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação” (CHARTIER, 1990, p. 28). Perceber como se dão, nos termos de Bourdieu, as relações entre estrutura e ator, entre o campo e os *habitus*, como ambos se influenciam mutuamente. Evitando-se, além do mais, aquilo que o sociólogo francês qualifica de “ilusão biográfica”, qual seja, a crença de que o agente evidencie uma unidade, em diferentes espaços e tempos, bem como a de haver uma linha de continuidade entre a infância e a idade adulta (BOURDIEU, 1996, p. 74-82).

Ou seja, se já houve quem afirmasse que o talento precoce não se verificou em Freyre (LIMA, 2000), da mesma forma Vasconcellos não nasceu um homem de ciência. É essa diversidade de trajetórias, de práticas e representações, em diferentes espaços sociais que importa analisar ao se ter em conta a produção intelectual de ambos, ao se pretender acompanhar suas reflexões relativas à higiene alimentar, à eugenia, ou qualquer tema que suas obras possam ter tratado.

Tendo em vista tais pressupostos, é importante que se tenha em conta, ainda, como diferentes estudos têm se dedicado à produção intelectual no Brasil, alguns deles reportando-se aos tempos da Monarquia e avançando pela República.

Em *O caráter nacional brasileiro*, Dante Moreira Leite (1969, p. 325-326) conclui que as ideologias do caráter nacional tenderam a seguir bem de perto o esquema das doutrinas européias, enquanto que as teorias racistas vieram, a partir do início do século XX, a ser suplantadas pela perspectiva culturalista. Ainda que esta última tenha sido muitas vezes empregada visando justificar a inferioridade, não de raças, mas de diferentes estágios culturais.

Interessando-se em pensar as doutrinas raciais vigentes no Brasil entre 1870 e 1930, Thomas Skidmore (1989) propõe que a característica principal da adoção de tais teorias seria a imitação realizada pelos intelectuais brasileiros. Segundo suas palavras:

Os europeus não hesitavam em expressar-se em termos pouco lisonjeiros à América Latina e ao Brasil, em particular, por causa de sua vasta influência africana. Os brasileiros liam tais autores, de regra sem nenhum espírito crítico. E ficavam profundamente apreensivos. Caudatários, na sua cultura, imitativos, no pensamento - e cômicos disso - os brasileiros do meado do séc. XIX, como outros tantos latino-americanos, estavam mal preparados para discutir as últimas doutrinas sociais da Europa. (Ibid., p. 13)

Isso parece não se confirmar quando se remete a Aleixo de Vasconcellos, com suas indicações de que, além da má alimentação, da doença e da inferioridade física, o brasileiro se caracterizaria, acima de tudo, pela “ignorância” – expressão sua - de uma população que não conheceria noções básicas de higiene. Por sua vez, Freyre sempre apontou para a mistura de raças, da qual fez apologia, como um dos mais fortes, significativos e positivos traços do brasileiro. Posição esta com a qual destoava da tendência racista vigente no período.

Constata-se assim que Freyre e Vasconcellos fizeram uso original dos bens culturais à sua disposição - particularmente pela reflexão em torno das teorias científicas e das práticas populares com as quais tiveram contato -, e a partir dos quais construíram suas idéias e orientaram suas práticas. Isso parece evidenciar que Skidmore interpretou de forma um tanto quanto precipitada a maneira como os intelectuais brasileiros apropriaram-se dos autores racistas. Ainda que, no trecho citado linhas atrás, fizesse referência à segunda metade do século XIX, contexto evidentemente diverso daquele que se está abordando no presente trabalho.

Tal afirmação baseia-se no pressuposto de que tanto Freyre quanto Vasconcellos mostraram-se bastante originais, únicos em suas interpretações e proposições.

Utilizando o mesmo recorte temporal de Skidmore, mas criticando tanto a este quanto a Dante M. Leite por defenderem que os intelectuais brasileiros

restringiam-se à imitação, Lilia M. Schwarcz (1993) afirma sua intenção de realizar uma história social dessas idéias, dizendo ser seu intento:

... compreender como o argumento racial foi política e historicamente construído nesse momento, assim como o conceito *raça*, que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação sobretudo social. O termo *raça*, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente negociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise.

O que se pode dizer é que as elites intelectuais locais não só consumiram esse tipo de literatura, como a adotaram de forma original. (...)

É na brecha desse paradoxo – no qual reside a contradição entre a aceitação da existência de diferenças humanas inatas e o elogio do cruzamento – que se acha a saída original encontrada por esses homens de ciência, que acomodaram modelos cujas decorrências teóricas eram originalmente diversas. (Ibid., p. 17-18)

A intenção da autora é enfatizar a originalidade que teria caracterizado o emprego de teorias ‘importadas’ pelos intelectuais brasileiros. Assim, conclui Schwarcz (ibid., p. 242): “Falar da adoção das teorias raciais no Brasil implica pensar sobre um modelo que incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava.” E, mais adiante, insiste que não se trata de entender a adoção das teses raciais como mero reflexo, ou cópia desautorizada. Importa, em lugar disso, indagar sobre seus novos significados contextuais, verificando sua relação com a situação social, política, econômica e intelectual do país.

Trata-se, portanto, de versões possíveis, produzidas em diferentes momentos e lugares e por diferentes agentes. Tem-se assim versões, reconstruções e atualizações originais de diferentes modelos. O que torna sem razão de ser buscar por uma possível interpretação ‘exata’, ‘precisa’, diante dos usos diversificados a que tais modelos foram submetidos, por vezes combinando-se com outros, e de maneira não isenta de possíveis contradições.

Tanto é assim que Castro Gomes (2001, p. 32), ao referir-se às relações entre Freyre e Oliveira Lima, sugere ser possível analisar importante “período de formação de um pensamento social brasileiro”, o qual estaria, nas três primeiras décadas do século XX, “se consolidando em razão da articulação de elementos fundamentais à constituição de um campo intelectual nacional com graus relativos de autonomia”.

Ressalta assim a importância de se buscar compreender melhor algumas características do campo intelectual brasileiro daquele período, buscando outras influências além de Franz Boas e do culturalismo na obra de Freyre (Ibid., p. 36). Entre elas, a autora lembra a de um campo historiográfico brasileiro que já valorizava muitas das contribuições e inovações presentes em *Casa-Grande e Senzala* (Ibid., p. 43).

GILBERTO FREYRE: ALIMENTAÇÃO E EUGENIA NO BRASIL

A nutrição do homem brasileiro é um tema que se fez presente e ganhou relevância em diversas passagens de *Casa-Grande e Senzala* e no desenvolvimento das reflexões de Freyre sobre sua sociedade. Segundo o historiador Peter Burke (1997), “a história da alimentação é outro tema recorrente - para não dizer obsessão - nos ensaios de Freyre”, sendo tratado especialmente de dois ângulos: o da dieta e o da sua significação simbólica. Conforme Lima (2000), “a alimentação foi assunto que sempre interessou a Gilberto Freyre. Não apenas como gourmet, mas como estudioso dos seus reflexos na sociedade.”

Francisco de Vasconcelos (2001, p. 318) vai mais além, propondo ser *Casa-Grande e Senzala* “o primeiro e mais completo ensaio sociológico sobre o padrão e os hábitos alimentares da sociedade brasileira.”

Portanto, importa agora verificar em que termos e sob que pressupostos o assunto foi trabalhado por aquele Gilberto Freyre que produziu *Casa-Grande e Senzala*, propondo-se a retratar a sociedade brasileira dos tempos coloniais e revelando sua condição de pertencente a uma elite intelectual brasileira que reclamou para si a missão de pensar a unidade nacional.

Constata-se assim que, ainda em 1921, escrevendo em sua coluna no *Diário de Pernambuco* a respeito daquilo que afirmava presenciar durante sua permanência nos Estados Unidos, Freyre já demonstrava seu interesse por aqueles temas. Segundo informava, os Estados Unidos, de maneira mais evidente que a Europa, demonstrariam estar preocupados em ‘melhorar a espécie’. E, atendendo àquela preocupação, o bem alimentar-se deveria receber destaque.

Entre outros aspectos ressaltados naquele sentido, Freyre mencionava a preocupação que afirmava presente no país no sentido de se submeter o leite de vaca a procedimentos higiênicos. A divulgação de folhetos em linguagem simples e direta e difundindo noções de higiene à população também seria outro ponto por ele destacado. Enfim, relatava Freyre, na exposição sobre saúde pública que visitara, pudera observar o desejo de seus organizadores de “ir diretamente ao visitante - penetrá-lo, impressioná-lo, convencê-lo”, o que era feito como medida em favor do melhoramento da espécie.

Por contraste, segundo Freyre, o Brasil e mesmo Portugal, que o colonizara, constituiriam nações de homens mal nutridos (FREYRE, 2002, p. 297). Historicamente, o homem brasileiro teria por marca os efeitos da deficiência alimentar e da saúde débil.

E os problemas alimentares seriam, segundo seu entendimento, uma herança legada pelo colonizador português. Herança esta agravada pelas condições em que teria se dado a colonização do território brasileiro, onde imperaram a monocultura latifundiária da cana-de-açúcar e o regime escravocrata. A questão alimentar, ou melhor, a pobreza na alimentação, perpassaria assim toda a história do Brasil, sendo que o colonizador que saíra de Portugal já a teria por marca distintiva.

Portanto, pensando a colonização e a formação da sociedade e do homem brasileiros, Freyre, revelando um enfoque econômico-social (VASCONCELOS, 2001, p. 320),⁸ atribuía primordial importância para a prática da monocultura, sustentada pelo latifúndio e pelo sistema escravista. De sua combinação decorreriam, no seu entender, significativos traços característicos da população nacional. Um deles, a miscigenação, revelaria a apropriação diferenciada empreendida por Freyre em relação a um tema muito sensível no período: o racial.

Ao tratar destes traços distintivos do homem brasileiro, conforme já apontado, havia, entre significativa parcela da intelectualidade do início do século, a tendência de se enfatizar a inferioridade física: o homem brasileiro seria fraco, pouco produtivo, indolente, um homem inapto para a civilização capitalista, uma raça atrasada, degenerada. Essa inferioridade física seria resultante da acentuada mistura de raças, verificada no Brasil em condições até então supostas como inéditas.⁹

Ora, logo no Prefácio da primeira edição de *Casa-Grande e Senzala*, Freyre fez questão de acentuar que não era esse o viés por ele privilegiado para pensar a sociedade brasileira. Segundo afirmava, sob a influência de Franz Boas, seu estudo procurava enfatizar a diferença entre raça e cultura. Ou seja, propunha como essencial fazer-se a distinção entre as heranças biológicas e as culturais e sociais. Uma importante inflexão nas perspectivas então hegemônicas no Brasil das primeiras décadas do século XX.

Entre tantos outros autores citados por Freyre - e eles são inúmeros! -, vale ressaltar ainda, para os objetivos do presente trabalho, os nomes dos higienistas Belisário Penna e Miguel Pereira. Embora em *Casa-Grande e Senzala* eles não apareçam em número significativo de páginas, não se pode deixar de ter em conta o destacado papel por eles exercido na mudança do foco de atenção da raça para a saúde, no pensamento social brasileiro.

Os diagnósticos do movimento higienista, transferindo da raça para a falta de saúde da população a responsabilidade dos males enfrentados pelo Brasil fize-

ram-se presentes na perspectiva de Freyre. A partir de tais diagnósticos, as reflexões da intelectualidade brasileira a respeito de sua identidade tenderam a incorporar, pouco a pouco, a percepção da importância sociológica da doença na caracterização do país e de sua população (LIMA & HOCHMAN, 1996, p. 37). Em resumo, não seria à miscigenação ou ao clima tropical, mas à doença, às más condições de vida, ao abandono das populações pelos governantes, que se deveria atribuir a degeneração que se afirmava caracterizar o povo brasileiro.

Assumindo essas posições, apoiando-se em Boas e nos saberes médico-higienistas, Freyre fez coro àqueles que pretendiam negar que a mistura de raças condenaria irrevogavelmente o país ao atraso e sua população à degeneração. Outras questões deveriam ser analisadas no sentido de se estabelecer com maior precisão as causas das mazelas que, também ele, afirmava atingirem o país.

Observa-se que, assumindo uma percepção medicalizada da sociedade, é na má alimentação que Freyre foi encontrar um dos principais fatores explicativos para aquela condição. Ou seja, se a raça era fraca e degenerada em decorrência da doença, esta tinha como uma de suas principais causas o problema alimentar. O autor destacava assim as dimensões histórica, cultural e sociológica da alimentação.

Sua posição fica clara logo no Prefácio de *Casa-Grande e Senzala*. Nele, Freyre assim explicitava sua posição, na qual a tríade monocultura, latifúndio, escravidão aparecia associada à deficiência alimentar:

Ligam-se à monocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação. Entre outros males, o mau suprimento de víveres frescos, obrigando grande parte da população ao regime de deficiência alimentar caracterizado pelo abuso do peixe seco e de farinha de mandioca (a que depois se juntou a carne de charque); ou então ao incompleto e perigoso, de gêneros importados em condições péssimas de transporte... (FREYRE, 2002, p. 46-47)

Segundo Freyre, tanto “a escassez de alimentação, devida à monocultura e ao regime do trabalho escravo, como a pobreza química dos alimentos tradicionais”, associados à irregularidade no suprimento e aos problemas de higiene na sua conservação e distribuição trariam por consequência a inferioridade física e intelectual do brasileiro (Ibid., p. 107-108).

A situação seria tão grave que afetaria a ampla maioria da população brasileira. Conforme Freyre, seria

... ilusão supor-se a sociedade colonial, na sua maioria, uma sociedade de gente bem-alimentada. Quanto à quantidade, eram-no em geral os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas. Os grandes proprietários de terras e os pretos seus escravos. Estes porque precisavam de comida que desse para os fazer suportar o duro trabalho da bagaceira. (Ibid., p. 105)

Seus descendentes seriam aqueles que evidenciariam melhor constituição em termos eugênicos. Melhor alimentados, legariam aos seus filhos, igualmente bem alimentados, uma constituição física e condições intelectuais superiores.

Outra seria a condição “da população média, livre mas miserável”, da qual, segundo Freyre, seriam provenientes “muitos dos piores elementos; dos mais débeis e incapazes” (Ibid., p. 107), porque vitimados pela alimentação insuficiente e de qualidade inferior. Entre seus descendentes, poderiam estar os marinheiros apontados como “caricaturas de homens”, que Freyre citou em seu Prefácio (Ibid., p. 45). Cafuzos e mulatos doentes diante dos quais Freyre vinha então, por assim dizer, redimir-se, apontando para outros fatores responsáveis por aquela constituição física e intelectual dita inferior.

Portanto, era buscando explicar a partir das condições de vida - e não da miscigenação, que afirmou decorrente da “escassez de mulheres” (Ibid., p. 46) - que Freyre analisava a formação do homem brasileiro. Seria outra a base dos seus males. Assim se posicionando, Freyre concluía:

A importância da hiponutrição (...); da fome crônica, originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas indistintamente chamados de ‘decadência’ ou ‘inferioridade’ de raças, novos aspectos e, graças a Deus, maiores possibilidades de solução. (Ibid., p. 47)¹⁰

Isso nos remete ao tema da eugenia, repetidas vezes invocado por Freyre ao falar dos hábitos alimentares dos brasileiros. No entanto, se a eugenia era vista por vários autores como uma alternativa para os problemas da nacionalidade, no sentido de possibilitar a regeneração da raça, observa-se que ela tendia a associar-se à idéia de ‘branqueamento’. Em outras palavras, segundo vários de seus defensores, a eugenia se faria no sentido de reverter os efeitos da mistura de raças operada no Brasil, principalmente a mistura com as raças ditas ‘inferiores’, quais sejam negras e indígenas.

A entrada seletiva de imigrantes europeus, representantes supostamente ‘puros’ do tipo ‘ariano’ - quer dizer, que acreditavam ‘bem-gerados’, ‘bem-nascidos’ - seria, segundo indicavam, a melhor maneira de se operar o branquea-

mento, no prazo de algumas gerações. Ao mesmo tempo, entre alguns defensores mais radicais das práticas eugenistas, dever-se-ia fazer a esterilização daqueles cuja reprodução seria considerada indesejável.¹¹

Ainda assim, se observarmos as referências feitas por Freyre ao problema da eugenia, notaremos uma vez mais o peso conferido pelo autor à alimentação. Segundo Francisco de Vasconcelos (2001, p. 318), foi ele “um dos introdutores da discussão em torno do aprimoramento eugênico da população (raça) brasileira por meio de uma alimentação racional (nutrição)”. Discussão em que, como se verá adiante, foi antecipado por Aleixo de Vasconcelos.

Uma passagem que evidencia a correlação que Freyre fazia entre boa alimentação e aprimoramento da raça nos remete aos portugueses de antes da colonização do Brasil. Segundo Freyre:

... a gente portuguesa atravessou nos seus começos, antes de transformar-se em potência marítima, um período de alimentação equilibrada que talvez explique muito da sua eficiência e das suas superiores qualidades de arrojo e de iniciativa até o século XVI. (FREYRE, 2002, p. 298)

Essa situação não se perpetuaria, pois, ainda segundo Freyre, a expansão do comércio marítimo teria resultado no declínio da agricultura portuguesa. Sua alimentação teria então perdido muito em qualidade, situação que se observaria igualmente na colônia brasileira, conforme já vimos.

Some-se a isso outro fato destacado por Freyre (Ibid., p. 89): “O português no Brasil teve de mudar quase radicalmente o seu sistema de alimentação, cuja base se deslocou, com sensível déficit, do trigo para a mandioca”.

Diante dessa situação, a farinha de mandioca teria se tornado o principal alimento do brasileiro e uma das origens de sua condição eugenicamente inferior. Um prejuízo eugênico que, na interpretação de Francisco de Vasconcelos (2001, p. 319-320), foi apresentado por Freyre a partir de uma criativa analogia entre a farinha de mandioca e a de trigo - apontada como um alimento mais nutritivo que a primeira. Essa analogia fazia a correspondência entre o menor valor nutritivo da farinha de mandioca - alimento que passou a simbolizar o nativo, o mestiço, o mulato e o caboclo brasileiro -, e a farinha de trigo, consumida mais corriqueiramente pelo colonizador branco.

Nesse sentido, prossegue Francisco de Vasconcelos:

... à medida que a farinha de mandioca constituía a base do padrão de consumo alimentar do brasileiro, explicava-se, de certa forma, utilizando os termos de Freyre, as menores ‘eficiência’ e ‘eugenia’ do brasileiro em relação ao europeu.” (Ibid., p. 320)

Reafirmando sua perspectiva higienista e eugenista, Freyre (2002, p. 106) assim resumia suas conclusões:

De modo que, admitida a influência da dieta - influência talvez exagerada por certos autores modernos - sobre o desenvolvimento físico e econômico das populações, temos que reconhecer ter sido o regime alimentar do brasileiro, dentro da organização agrária e escravocrata que em grande parte presidiu a nossa formação, dos mais deficientes e instáveis. Por ele possivelmente se explicarão importantes diferenças somáticas e psíquicas entre o europeu e o brasileiro, atribuídas exclusivamente à miscigenação e ao clima.

Em resumo, segundo Gilberto Freyre, tanto entre os portugueses, quanto entre os brasileiros, aqueles que praticassem uma alimentação diversificada e saudável teriam demonstrado características físicas e intelectuais em moldes eugenicamente desejáveis. Enfatize-se que, para o autor, a miscigenação não seria empecilho nesse sentido. Afinal não apenas no Brasil ela teria se verificado, pois essa seria uma tendência que o povo português teria trazido para o Brasil, sendo ele mesmo um povo profundamente marcado pela mescla racial.¹²

Uma vez cabe destacar uma passagem de *Casa-Grande e Senzala* que ilustra muito bem como Freyre referiu-se à importância do tema da alimentação no Brasil dos tempos coloniais.

De modo que a nutrição da família colonial brasileira, a dos engenhos e notadamente a das cidades, surpreende-nos pela sua má qualidade: pela pobreza evidente de proteínas de origem animal e possível de albuminóides em geral; pela falta de vitaminas; pela de cálcio e de outros sais minerais; e, por outro lado, pela riqueza certa de toxinas. O brasileiro de boa estirpe rural dificilmente poderá, como o inglês, voltar-se para o longo passado de família na certeza de dez ou doze gerações de avós bem-alimentados de bifesteque e legumes, de leite e ovos, de aveia e frutas a lhe assegurarem de longe o desenvolvimento eugênico, a saúde sólida, a robustez física, tão difíceis de ser perturbadas ou afetadas por outras influências sociais quando predomina a da higiene de nutrição. (Ibid., p. 113)

Portanto, tudo quanto vinha-se atribuindo à miscigenação, Freyre propôs ter por base o problema alimentar. Todas as características negativas, indesejáveis que se afirmava observáveis no brasileiro, decorreriam da hiponutrição: “a diminuição da estatura, do peso e do perímetro torácico; deformações esqueléticas; descalcificação dos dentes; insuficiência tiróidea, hipofisária e gonadal provocadoras da velhice pre-

matura, fertilidade em geral pobre, apatia, não raro infecundidade. Exatamente os traços de vida estéril e de físico inferior que geralmente se associam às sub-raças: ao sangue maldito das chamadas ‘raças inferiores’.” (Ibid., p. 47)

ALEIXO DE VASCONCELLOS: AO HOMEM EUGÊNICO, NÃO BASTA APENAS COMER

Após concluído o curso de medicina, em 1908, no Rio de Janeiro, período em que pesquisara ao lado de Moncorvo Filho e de Oswaldo Cruz, orientador de sua tese de conclusão do curso de Medicina, Vasconcellos dedicou-se a uma série de diferentes atividades. Serão brevemente destacadas algumas delas, pois podem auxiliar no esclarecimento de sua perspectiva em relação à sociedade brasileira, no que concerne às problemáticas da alimentação e da eugenia.

Como médico pediatra e estando já à frente da Seção de Leite e Derivados,¹³ Vasconcellos procurou trazer à público suas observações e suas conclusões relativas ao problema alimentar. Segundo afirmava, muitos seriam os equívocos, preconceitos e maus hábitos disseminados na sociedade brasileira. Caberia aos homens de ciência combatê-los sem trégua, com a finalidade de se fazer a defesa da raça (VASCONCELLOS, 1924c, p. 164). Estes teriam um papel destacado na construção de uma nova realidade sociocultural, que, em lugar do atraso, da miséria, seria marcada pela modernidade e pela orientação da ciência. O homem, superando a falta de higiene e a ignorância que o caracterizariam, tornar-se-ia forte, saudável, civilizado, se devidamente instruído pelos homens de ciência.

Segundo Vasconcellos, seriam estes os papéis - ou a ‘missão’, como se costumava afirmar - reservados aos homens de ciência: produzir conhecimentos e difundirlos pela sociedade. Papéis que Vasconcellos pretendeu desempenhar, particularmente se analisado no transcorrer da década de 1920. Se ele se fizera detentor de saberes, caberia igualmente o dever de divulgá-los, ou seja, ensinar à população as ‘verdades’ científicas a ela inacessíveis de outra maneira (STANCIK, 2003a).

Sua compreensão da relação entre os homens de ciência e a população, sobre a grandeza da missão daqueles e da resistência destes últimos, sobre o papel educativo da ciência, aparece bem marcada no discurso a seguir:

Tantos são os vícios arraigados, os preconceitos, as abusões e tão forte o desinteresse de boa parte da população pelo desenvolvimento de qualquer esforço em seu próprio benefício, que se torna pesadíssima a tarefa, principalmente pela demora do tempo que exige, de se atacar o problema do saneamento do Brasil exclusivamente segundo o conceito moderno de educação e instrução higiênica popular. (...) Será possível (...) deixar livre o caminho à passagem dessa

cruzada regeneradora? Acredito possível. Armar-se os missionários de cartilhas e tanto basta para desfraldar-se a flâmula redentora. Ensinar a ler e ensinar higiene. Ao lado, praticar medicina: curar os enfermos e defender os sãos do contágio e da infecção, pelos processos que a ciência já legitimou. (VASCONCELLOS, 1924b, p. 2)

E a missão também se referia aos hábitos e padrões alimentares, pois, segundo afirmou Vasconcellos, “alimentar-se é difícil, não basta apenas comer” (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 349). Alimentando-se mal, o brasileiro estaria se fazendo um homem degenerado. Por intermédio da higiene - em sua dupla acepção de condições de asseio e estado de higidez, e nela inclusa uma saudável alimentação -, se faria sua recuperação.

Tendo em vista tais certezas, no ano de 1924 Vasconcellos dirigiu-se aos médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia, entidade na qual foi orador oficial e redator dos anais. A eles lançou seu apelo em nome da ‘defesa da espécie’. Iniciou sua fala propondo:

Dentre as funções da criança que mais atenção devem merecer dos pais e educadores destaca-se a da nutrição. É sabido que o adulto nutre-se para manter-se vigoroso, enquanto que a criança utiliza o alimento para crescer, engordar e robustecer-se. Está claro, pois, quanto é justificado o cuidado que se deve ter com a alimentação das crianças. Quem não atentar nesta importante questão, tendo a responsabilidade de educá-las, cometerá erro grave. (VASCONCELLOS, 1924c, p. 163)

No trabalho em questão, interessado em tratar da hora do lanche nas escolas, Vasconcellos deixava claro que seu olhar estava dirigido para o futuro. Pensando na alimentação infantil, ele revelava-se preocupado com sua saúde, é inegável. Mas demonstrava ainda ter em mente, conforme afirmou, o futuro da pátria. Este deveria ser construído em outras bases, diferentes daquelas que caracterizariam a sociedade da qual fazia parte. Para tanto, os futuros cidadãos deveriam ser preparados a partir da infância.

Seu desejo era o de trabalhar pela “defesa da espécie”,¹⁴ possibilitando condições para que aquelas crianças se fizessem “capazes de contribuir para o futuro da pátria” (Ibid., p. 164). Verifica-se que, falando da nutrição, e também do lanche escolar, Vasconcellos pretendia cumprir sua missão de homem de ciência. Missão que o obrigaria a pensar nos destinos de seu país e de sua população. Que o levaria a extrapolar os espaços circunscritos pelo seu consultório de médico pediatra, ou pelas instalações da Seção de Leite. Missão que, uma vez assu-

mida, levou-o a produzir conhecimentos relativos ao cotidiano da população, mesmo em seus mais ínfimos aspectos.

Demonstrando como percebia os hábitos alimentares do brasileiro, prosseguiu sua fala aos médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia:

No Rio de Janeiro, para não dizer no Brasil, não se cogitou ainda de saber-se o que valem propriamente os alimentos. Quanto mais de aparência substancial forem os pratos postos à mesa, tanto melhor. A noção de alimentação cifra-se na fórmula: comer até fartar. As crianças não têm cardápio variado. Logo que deixam a alimentação láctea, passam aos farináceos, principalmente ao feijão e ao arroz e ficam tão acostumadas a este regime alimentar que é tarefa difícil alterá-lo. (Ibid., p. 163)

E de onde proviriam tais hábitos que Vasconcellos criticava? Ele mesmo respondeu logo a seguir, propondo: “o defeito vem dos pais, dos avós, do meio social, enfim, que nada sabe sobre o que valem os alimentos.” Entre outras, as práticas alimentares inadequadas seriam marcas de uma sociedade onde tudo seria feito empiricamente, sem o recurso dos saberes que a ciência legitimava. Como resultado disso, apontava Vasconcellos, as crianças brasileiras cresceriam mais devagar, atingindo menor estatura que as européias e americanas (Ibid., p. 163, 164).

Segundo afirmava Vasconcellos, estudos empreendidos na Alemanha e nos Estados Unidos teriam comprovado que a alimentação, devidamente orientada pelos saberes científicos, poderia regular o crescimento e a saúde das crianças. Mas para isso, seria necessário instruí-las desde muito cedo. Essa era a principal missão destacada pelo cientista tendo em vista o papel a ser desempenhado pelas escolas: “crianças normais, robustas, educadas sob hábitos de saúde desde os seus primeiros anos deve ser o ideal de todas as escolas” (Ibid., p. 164).

Seu interesse em relação a orientação das crianças tendo em vista a difusão de hábitos higiênicos, entre eles o alimentar, foi demonstrado ainda em outras ocasiões. É o que se pode verificar a partir do encaminhamento que Vasconcellos deu à Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios, por ele organizada e presidida em 1925, tendo por lugar a cidade do Rio de Janeiro.

Diferentes recursos foram por ele empregados no sentido de instruir as crianças, e não menos aos adultos, sobre o valor dos alimentos, principalmente do leite. Projeções, palestras, aquarelas e uma peça de teatro, escrita por Vasconcellos, foram utilizados para este fim. É sobre esta última que voltaremos a atenção.¹⁵

A peça de teatro teve por título *Atraz do Pote de Leite* e foi encenada por crianças entre oito e quinze anos, no transcorrer da Conferência. Segundo indicou, Vasconcellos inspirou-se nos “métodos de persuasão” que teve oportunidade de conhecer dois anos antes, nos Estados Unidos, quando atuou como delegado brasi-

leiro no Congresso Internacional de Leite e Laticínios. Lá afirmou ter assistido a uma peça de teatro, também encenada por crianças, onde o valor da alimentação aparecia como tema central. (VASCONCELLOS, 1924a, p. 101-102)

Para não nos alongarmos demasiadamente em torno do trabalho, vale destacar que a peça, destinando-se a persuadir, representava as ‘verdades’ que orientavam as certezas do médico. Entre outras: a relevância do trabalho educativo que estaria nas mãos daqueles profissionais, o poder da ciência e da tecnologia enquanto instrumentos de dominação da natureza, a importância da higiene e da boa alimentação, da disciplina e da ordem. Da necessidade de todas elas deveriam convencer-se tanto os atores, quanto os espectadores daquele breve espetáculo (STANCIK, 2002, p. 143).

A fala de um entregador de leite, personagem da peça produzida por Vasconcellos, é muito representativa de sua visão:

Descobrimo assim defeitos
Nos costumes dos fregueses
Sobre as virtudes do leite
Eu falo mais de cem vezes.

A quem dele precisar
Explico o bem que ele faz,
Seja rico seja pobre
Criança, velho ou rapaz.

Se dentes bons não possui
Ficou magro, não cresceu
É que não soube nutrir-se
E leite bom não bebeu.

Faltou em casa quem visse
Ou quem soubesse dizer,
Que alimentar-se é difícil
Não basta apenas comer.

(*CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 349*)

Mas os trabalhos de Vasconcellos indicavam ainda que os preconceitos e o desconhecimento de ‘verdades científicas’ não se faziam presentes apenas entre leigos. Isso o levou a envolver-se em uma controvérsia com Olinto de Oliveira,

prestigiado pediatra e professor da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. A questão relacionava-se ao tema da alimentação e, segundo Vasconcellos, revelava que mesmo entre médicos renomados poderia se observar graves equívocos e “preconceitos absurdos”, conforme expressão sua, os quais a pesquisa científica deveria desmascarar (Ibid., p. 152-153).

Procurava evidenciar assim a relevância de seu trabalho e de seus subordinados na Seção de Leite. Esta teria por objeto o “principal dos alimentos”, como o qualificava o cientista. E com argumentos dessa natureza Vasconcellos explicava a importância da revista *Leite e Lacticínios*, por ele criada em 1922, a qual circulou até o final de 1924.

A passagem seguinte, exemplificando a partir dos Estados Unidos, mostra como Vasconcellos utilizou a publicação no sentido de trazer a público suas conclusões. Segundo afirmou, naquele país os bacteriologistas seriam as autoridades mais respeitadas. E prosseguiu acrescentando que lá o consumidor do leite estaria

... enfronhado de noções de higiene alimentar bem acentuadas. Sabe o que vale o leite; e, quando o reclama, precisa as condições em que lhe convém este alimento e previne eficientemente as alterações que nele têm lugar, defendendo-se por si mesmo dos prejuízos que a inadvertência de cuidados higiênicos pode ocasionar. (VASCONCELLOS, 1924d, p. 176-177)

A revista, em meio a dificuldades diante da pouca receptividade pelo reduzido público leitor, teve por um de seus objetivos trazer esclarecimentos sobre a importância da alimentação, e principalmente do leite. Uma de suas colunas, intitulada *Alimentação e Higiene Infantil*, tinha por proposta auxiliar as mães diante da “difícil tarefa” – expressão de Vasconcellos - de criar seus filhos. Traria assim conselhos “sobre a maneira de alimentar as crianças e de favorecer-lhes o crescimento e a saúde” (ALIMENTAÇÃO E HIGIENE INFANTIL, 1924).

Sua preocupação era ressaltar não apenas a importância da boa alimentação e, para esta, a do leite. Pretendia, além disso, tornar patente a relevância do trabalho dos homens de ciência. O seu papel na defesa da espécie. Principalmente num país como o Brasil, onde eles detectariam por toda parte a ignorância, o atraso, a improdutividade.

Porém, em se tratando da boa alimentação, nos termos por ele propostos, não bastaria apenas comer. Seria imprescindível, acima de tudo, saber-se como fazê-lo. E isso, quem poderia e deveria explicar seriam os homens de ciência dedicados ao tema.

A partir de tais preocupações, Vasconcellos fez-se, além de médico e cientista, também educador e nutricionista. Ocupou-se com a pesquisa e com a instrução, pretendendo, como ele mesmo afirmou inúmeras vezes, transformar hábitos e revigorar corpos, trabalhar pela “formação de uma raça sadia e vigorosa” (VASCONCELLOS, 1923b, p. 480), na intenção de bem atender à missão que lhe cabia em relação aos destinos de sua pátria.

Para convencer quanto ao acerto de suas proposições, em várias oportunidades Vasconcellos ressaltou o papel que os saberes científicos teriam cumprido na construção da sociedade norte-americana. E ela seria o grande modelo a ser seguido pelo Brasil. Fonte de inspiração não somente para os homens de ciência, mas também para governantes e população em geral.

GILBERTO FREYRE E ALEIXO DE VASCONCELLOS: PARALELOS POSSÍVEIS

Colocadas em paralelo, as perspectivas de Freyre e Vasconcellos, embora distintas, ao mesmo tempo em que se complementam, se esclarecem mutuamente em alguns aspectos. Revelam ainda muitos impasses e dilemas que se impuseram à intelectualidade do período e as soluções encontradas por aqueles dois autores, num período de rico debate em torno da identidade nacional do brasileiro.

Evidenciam, por isso, como ambos apropriaram-se e fizeram usos diversificados dos temas e das teorias circulantes pela sociedade no transcorrer da década de 1920. E como, a partir de suas construções originais sobre a sociedade e o homem brasileiros, propuseram-se a indicar-lhes rumos, caminhos.

Aleixo de Vasconcellos aproximou-se do tema nutrição, entre outros motivos, por sua atuação como médico pediatra. Mas também, e não menos, pela atribuição que lhe foi conferida de pesquisar e produzir conhecimentos em torno do leite, tanto na condição de produto de valor econômico, quanto na de alimento. Ou seja, em certa medida, por uma imposição profissional à frente da Seção de Leite e Derivados, onde deu ênfase às facetas de higienista e pesquisador. Para tanto serviu-se da sua vivência com outros homens de ciência, profissionais - desde grandes produtores, até humildes ordenhadores -, e com a população que consumia o alimento. Estes últimos procedendo segundo hábitos e sob condições que Vasconcellos esforçou-se por conhecer e, sob o amparo dos saberes científicos, transformar.

O tema da alimentação deve ter se colocado para Freyre, inicialmente, ao redigir sua dissertação de Mestrado. Então voltou seu olhar para a sociedade do Brasil do século XIX, e, a partir daí desenvolveu suas pesquisas que desembocaram em *Casa-Grande e Senzala*.

Pensando norteado pelas reflexões de Franz Boas e dos higienistas, deu-se conta de que não seria a mistura de raças o mal maior a afetar a sociedade brasileira. Aliás, considerava essa miscigenação como uma de suas mais importantes e positivas características. A partir desses referenciais e fazendo uso de uma enorme diversidade de fontes, desenvolveu uma abordagem sociocultural onde o problema alimentar surgiu de forma inovadora, para além dos estudos médico-higienistas.

Assim, enquanto Aleixo de Vasconcellos teve por ponto de partida a perspectiva médico-sanitária e foi dando ênfase cada vez maior a uma abordagem sociocultural, Freyre parece ter realizado o caminho contrário. Este último, em muitas passagens, tendeu a enfatizar aos temas médicos e aqueles da competência dos higienistas.

Outras características ressaltam da análise proposta. Na perspectiva de Freyre, a identidade do Brasil encontrava-se no seu passado colonial, marcado pela casa-grande e pela senzala. Constituiria assim um modelo alternativo de sociedade, se comparada àquela proporcionada pelos Estados Unidos, onde a questão racial revelava-se ainda um grave problema não resolvido. Já no Brasil, pela mistura entre as raças e por aquilo que a partir de então convencionou-se denominar de ‘democracia racial’, isso já estaria suficientemente bem resolvido, segundo o autor.

Conforme conclui Skidmore (1994, p. 85):

A sua análise, contudo, respondeu a uma questão crucial para a elite: era a supremacia branca no molde norte-americano o único caminho para o progresso no mundo moderno? Por dedução (que poucos leitores deixaram de perceber), Freyre respondeu que não. Mostrou um Brasil superior em termos humanos; eram os Estados Unidos que haviam optado pelo caminho destrutivo da segregação legal, que se mantinha apenas por meio da repressão.

Se Freyre voltou-se para o passado colonial, Vasconcellos também olhou para o passado brasileiro, mas com um olhar menos otimista. E afirmou que de nossos pais e avós viriam nossos defeitos. Sendo assim, as heranças desse passado teriam de ser superadas, pois teriam gerado uma realidade por ele interpretada como indesejável. Para Vasconcellos, se essa identidade teria que ser transformada – e quanto a isso, ele não manifestava dúvidas –, o modelo estaria nos Estados Unidos. Esta seria, segundo seu entendimento, uma sociedade civilizada, moderna, onde a ciência estaria em primeiro plano. Um exemplo a ser seguido pelos brasileiros na superação de suas mazelas.

Freyre voltou seu olhar para o passado colonial brasileiro, identificando, na forma como o mesmo foi construído, a única alternativa possível. Segundo ele, somente o português, e nenhum outro povo europeu, poderia ter construído nossa sociedade nas condições em que ela se deu (FREYRE, 2002, p. 86-87).

Vasconcellos, por sua vez, ao refletir sobre as origens daquela sociedade, voltou sua atenção para o passado, condenando-o em nome de um futuro que ele queria civilizado. Civilizado não nos moldes proporcionados por portugueses, índios e negros, e que teriam criado um homem que ainda não se adequara à verdadeira civilização, um homem avesso à ciência e não intelectualizado. Mas sim sob a inspiração do grande modelo civilizacional que ele valorizava: o norte-americano.

Assim, ao conhecer os Estados Unidos, Vasconcellos quis, por assim dizer, trazê-lo para o Brasil. Enquanto isso, ao viver e estudar nos Estados Unidos, Freyre parece ter descoberto outras facetas do seu país de origem. De lá ele descobriu um novo Brasil. Comparando ambas as sociedades, ele não desejou copiar o modelo norte-americano, pois o brasileiro seria, além de criação peculiar, o modelo perfeitamente adequado a uma realidade diversa da norte-americana. Aqui teria se construído a “maior civilização moderna nos trópicos” (Ibid., p. 86, 256).

O olhar de Freyre voltava-se para um passado, que seria o ideal. O de Vasconcellos dirigia-se para um futuro, que poderia e deveria ser melhor que aquele momento presente de onde ele falava. Freyre afirmou que o negro, o índio e o português teriam construído nossa civilização. Vasconcellos entendeu que essa civilização não nos serviria, e sequer seria realmente civilização. Freyre viu com olhos favoráveis a colonização portuguesa, frouxa na hierarquia e possibilitadora da ‘confraternização’ (!) entre as raças. Aleixo elogiou o modelo anglo-saxão norte-americano, o modelo ideal a ser copiado no Brasil.

Em 1923, Vasconcellos publicou trabalho na sua revista *Leite e Lactínios*, propondo explicitamente que, no Brasil, deveriam ser imitados determinados exemplos norte-americanos. Proposição esta que repetiu em muitas outras ocasiões. São suas as seguintes palavras: “Se nós resolvermos imitar também os americanos nas suas boas idéias, no esmero das suas organizações e nos seus nobres sentimentos de altruísmo, não faz mal que continuemos com a velha preocupação de imitar tudo e a todos” (VASCONCELLOS, 1923a, p. 69).

Ainda que Vasconcellos tenha defendido abertamente o imitar, analisando-se o seu pensamento e o de Freyre, fica claro, por um lado, que da parte de ambos não houve simples cópia das teorias vindas do exterior. Por outro, não se pode apregoar tão grande originalidade nas perspectivas por eles adotadas.

No caso de Freyre, constata-se que, ao negar um suposto mal de raça, ele não se encontrava isolado. Ao contrário disso, fazia eco e dava prosseguimento a idéias que já vinham sendo defendidas há mais tempo. Entre eles, médicos higienistas, como Aleixo de Vasconcellos, ou outros intelectuais, como foi o caso de Monteiro Lobato, outro autor cujo pensamento recebeu profundas influências do higienismo.

O que se percebe é que, nem imitando, nem inovando completamente, ambos mostraram-se, ainda assim, singulares em suas idéias, em suas perspectivas, em suas proposições relativas à sociedade e ao homem brasileiros. Apropriando-se e fazendo usos diversificados daquilo que lhes convinha, e abandonando o resto, ambos, embora por vias diferentes e defendendo pontos de vista divergentes, estabeleceram profunda relação entre alimentação, saúde e eugenia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Vasconcellos posterior à extinção da Seção de Leite e Derivados, ocorrida em 1933, ainda está por ser melhor esclarecida. Estudos preliminares, contudo, indicam que, a partir de então, o cientista voltou-se mais para a clínica. Talvez daí decorra, em parte, o fato de, nos dias atuais, poucos dele terem ouvido falar.

Gilberto Freyre, diferente disso, nunca abandonou a cena pública, até sua morte. Tornou-se, além disso, um dos intelectuais brasileiros mais celebrados e reconhecidos no país e no exterior. Ainda que vivendo momentos de maior e outros de menor expressividade.

Retrocedendo à década de 1920, da qual se tratou, verifica-se que ambos não apenas deixaram-se influenciar, mas também envolveram-se, e de forma original, nos debates relativos à identidade nacional brasileira. Perceber como o fizeram ilustra aspectos relevantes tanto do pensamento daqueles autores, como do pensamento social brasileiro daquela conjuntura.

Ilustra, ao mesmo tempo, o quanto podem ser diversificadas, ricas e complexas as apropriações, as leituras que os atores sociais empreendem a partir dos bens culturais, tais como teorias científicas circulantes na sociedade. Como já foi afirmado, não se trata de um simples procedimento – impossível, na verdade – de imitação, mesmo que em certos momentos tenha sido defendida por um dos agentes em questão. Nem, tampouco, de genialidade excepcional de intelectos privilegiados.

Destaque-se ainda que problemáticas como a da alimentação e a da eugenia permanecem de extrema atualidade. A primeira, conforme as recentes políticas governamentais o evidenciam. A eugenia, por conta dos avanços na pesquisa genética e dos conhecimentos e recursos, por vezes assustadores, por eles disponibilizados ao homem.

REFERÊNCIAS

“Alimentação e hygiene infantil” In: *Leite e laticínios*: revista bimestral de medicina, hygiene, microbiologia, chimica, zootechnia e tecnologia, consagrada ao estudo do leite e seus derivados, v. 2, n. 10, p. 137, Rio de Janeiro, fev. 1924.

BASTOS, Elide Rugai. “Os autores brasileiros e o pensamento hispânico” In: Reunião da ANPOCS, 1998. Disponível em: <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/rugai.rtf>. Acesso em: 27 abr. 2003.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: _____. *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996, p. 74-82.

BURKE, Peter. “Gilberto Freyre e a nova história” In: *Tempo Social*, v. 9, n. 2, p. 1-12, São Paulo, out. 1997.

CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. “O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade” In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*, v. 28, n. 2, p. 193-210, Rio de Janeiro, 1985.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. “O mundo como representação” In: *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, p. 173-191, São Paulo, 1991.

CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1, 1925, Rio de Janeiro. *Annaes*. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Artes Graphicas, 1926.

FALCON, Francisco. “História das idéias” In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história*: ensaios de teoria e metodologia. 1. reimpr. São Paulo: Campus, 1997, p. 91-125.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. “Exposição de Saúde Pública” In: *Diário de Pernambuco*, Recife, dez. 1921. Disponível em: <http://www.prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/index.htm>. Acesso em: 01 mai. 2003.

GOMES, Angela de Castro. “Gilberto Freyre e Oliveira Lima: *Casa-Grande e Senzala* e o contexto historiográfico no início do século XX” In: *História*, v. 20, p. 29-44, São Paulo, 2001.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia. 2. ed. rev., ref., ampl. São Paulo: Pioneira, 1969.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto movimento sanitaria da Primeira República” In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996, p. 23-40.

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

MAIO, Marcos Chor. “O negro no pensamento social brasileiro e o legado de Gilberto Freyre” In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1999, Recife. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/semi/trop99-7.html>. Acesso em: 02 set. 2001.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito*: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

PEREIRA NETO, André de Faria. *Ser médico no Brasil*: o presente no passado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragmentos da história intelectual*: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

STANCIK, Marco Antonio. “Aleixo Nóbrega de Vasconcellos: Um homem de ciência da Primeira República” In: *Estudos de História*, v. 10, n. 2, p. 203-220, Franca, 2003a.

_____. *Aleixo Nóbrega de Vasconcellos*: um “homem de ciência” e a educação higiênica no Brasil dos anos 1920. Curitiba, 2002. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.

_____. “Entre a defesa e a regeneração: alternativas e opções para o aprimoramento da raça na década de 1920” In: *Publicatio UEPG*, v. 11, n. 2, p. 21-36, Ponta Grossa, dez. 2003b. Também disponível em: http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2003_2/02.pdf.

_____. “Os jecas do literato e do cientista: Movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República” In: *Publicatio UEPG*, v. 13, n. 1, p. 45-62, Ponta Grossa, jun. 2005. Também disponível em: http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2005_1/05.pdf.

STEPAN, Nancy Leys. “Eugenésia, genética y salud pública: El movimiento eugenésico brasileño y mundial” In: *Quiju*, v. 2, n. 3, p. 351-384, México, 1985.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. “Da raça à doença em *Casa-grande e senzala*” In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 4, n. 2, p. 231-243, Rio de Janeiro, jul.-out. 1997.

VAINFAS, Ronaldo. “Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira” In: *Tempo*, n. 8, p. 7-22, Rio de Janeiro, dez. 1999.

VASCONCELLOS, Aleixo Nóbrega de. “Congresso Internacional de Leite e Lactínicos realizado nos Estados Unidos” In: *Leite e lactínicos*: revista bimestral de medicina, hygiene, microbiologia, chimica, zootechnia e tecnologia, consagrada ao estudo do leite e seus derivados, v. 2, n. 10, p. 97-119, Rio de Janeiro, fev. 1924a.

_____. “Discurso do orador oficial (Sessão solene pelo 38º aniversário de fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro)” In: *Diario de Medicina*, v. 1, n. 18, p. 1-2, Rio de Janeiro, 24 dez. 1924b.

_____. “Imitemos” In: *Leite e lactínicos*: revista bimestral de medicina, hygiene, microbiologia, chimica, zootechnia e tecnologia, consagrada ao estudo do leite e seus derivados, v. 2, n. 9, p. 65-69, Rio de Janeiro, dez. 1923a.

_____. “O ‘Lunch’ nas escolas primarias: seu valor educativo, social e hygienico” In: *Brazil-Medico*, . 38, v. 2, n. 11, p. 163-166, Rio de Janeiro, v13 set. 1924c.

_____. “Luta contra o analphabetismo” In: CONGRESSO NACIONAL DOS PRÁTICOS, 1., 1922, Rio de Janeiro. *Actas e trabalhos*. Rio de Janeiro: Publicações Científicas, 1923b, p. 475-486.

_____. “A metrópole do leite” In: *Leite e lactínicos*: revista bimestral de medicina, hygiene, microbiologia, chimica, zootechnia e tecnologia, consagrada ao estudo do leite e seus derivados, v. 2, n. 12, p. 175-177, Rio de Janeiro, jun. 1924d.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. “Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves” In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 8, n. 2, p. 315-339, Rio de Janeiro, jul./ago. 2001.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Para este estudo, serão utilizados trabalhos tais como O ‘lunch’ nas escolas primarias (VASCONCELLOS, 1924), suas intervenções no transcórre da I Conferência Nacional de Leite e Lactínicos (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926), entre elas, a peça de teatro Atraz do pote de leite, além de alguns trabalhos de sua autoria, publicados na revista Leite e Lactínicos, entre 1922 e 1924.

² Um esclarecimento se faz necessário: Casa-Grande e Senzala foi publicada em 1933. No entanto, diversos de seus temas já vinham sendo abordados desde sua dissertação de mestrado, *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*, datada de 1922 (SKIDMORE, 1994, p. 83; GOMES, 2001, p. 34). Assim, parte-se do pressuposto de que as reflexões de Freyre relativas aos temas enfocados no presente trabalho foram se desenvolvendo no decurso da década de 1920. Quanto às obras de Vasconcellos aqui analisadas, foram elas produzidas e publicadas naquela mesma década.

³ Conforme Teixeira (1997, p. 234), referindo-se ao período em análise: “esta visão fazia parte do ambiente cultural da época, a que poucos autores escapavam.”

⁴ Por higienismo compreende-se um perfil particular da prática médica, resultante do desdobramento do conhecimento médico em especialidades. Suas duas principais características são, segundo Pereira Neto (2001, p. 50), “o caráter científico da atividade e o sentido coletivo de sua prática”.

⁵ A eugenia foi, além de um movimento social, uma pretensa ciência visando o aprimoramento da espécie humana, para o progresso da humanidade, através do controle da reprodução e enfatizando a importância da paternidade selecionada. Baseava-se nas idéias de Francis Galton, o qual insistia na necessidade de o Estado trabalhar em favor da seleção de jovens considerados aptos para a procriação de indivíduos 'mais capacitados'. Queria a escolha de uma boa raça, isto é, a 'mais pura', chegando inclusive a defender a esterilização de criminosos, doentes, judeus e ciganos. Francis Galton esforçou-se para provar, a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação. Segundo Chor Maio (1999), a eugenia sofreu adaptações no solo brasileiro, tendendo muitas vezes a ver no saneamento, na higiene e no ensino as opções para a superação das mazelas vividas pela sociedade brasileira. Sobre Vasconcellos e o tema da eugenia, consultar Stancik (2003b).

⁶ Diversos autores defenderam, no período, a vinda de imigrantes 'brancos puros', arianos, para recuperar a raça no Brasil. Segundo defendiam, isso se daria pelo 'branqueamento' que proporcionariam com seu cruzamento com as demais raças disponíveis no país. Miguel Couto, por sua vez, fez intensa oposição à imigração japonesa, ou "perigo amarelo", como então a classificou, dizendo que os orientais seriam uma raça incompatível com aquela que estaria em formação no Brasil.

⁷ Não se pretende com isso desconsiderar outras influências intelectuais sobre Freyre, pois elas foram diversificadas. Estudos recentes apontam, entre outros, inclusive para autores espanhóis (BASTOS, 1998).

⁸ Outros enfoques constatados por Francisco de Vasconcellos (2001, p. 319-323) na obra *Casa-Grande e Senzala*, tendo em vista a alimentação, são o etnocultural e o geográfico. Com o primeiro, Freyre procurava demonstrar que "o padrão de consumo e os hábitos alimentares da sociedade colonial brasileira foram produtos do sincretismo alimentar das cozinhas (culinárias) do índio brasileiro, do negro africano e do branco português." Já com o enfoque geográfico propunha que determinadas condições físico-geográficas também teriam exercido influência sobre a alimentação no Brasil colonial.

⁹ Registre-se que, ao lado e em oposição a essa perspectiva que enfatizava os males de uma suposta degeneração racial, havia outra, de caráter ufanista. Desta última, um grande representante foi Afonso Celso, com seu livro *Porque me Ufano do Meu País*. Corrente esta da qual não nos ocuparemos no presente trabalho, pois a primeira perspectiva citada parece ser aquela à qual Freyre mais se esforçou por combater.

¹⁰ Compare-se seu alívio com o expressado, ainda em 1918, por Monteiro Lobato, outro intelectual profunda e precocemente influenciado pelo movimento higienista. São suas as palavras: "Respiramos hoje com mais desafogo. O laboratório dá-nos o argumento por que ansiamos. Firmados nele contra-poremos à condenação sociológica de Le Bon a voz mais alta da biologia" (LOBATO, 1956, p. 298).

¹¹ Sobre o tema da eugenia, pode-se consultar, entre outros, Stepan (1985) e Mota (2003).

¹² O capítulo sobre o colonizador português (FREYRE, 2002, p. 254-341) é aquele que melhor detalha como o autor abordou essa questão.

¹³ A Seção de Leite e Derivados foi criada pelo Decreto 14.711, de 05 de março de 1921, subordinada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Foi extinta em 1933, com a reformulação operada naquele ministério. Durante esse período, Vasconcellos chefiou o órgão, procurando imprimir no mesmo um perfil voltado à produção e difusão de conhecimentos científicos relativos ao leite e seus derivados, tanto na condição de produto de valor comercial, como na de alimento humano (STANCIK, 2002).

¹⁴ Sobre como Vasconcellos posicionou-se quanto ao problema da 'defesa da espécie', consultar Stancik (2003b, 2005).

¹⁵ Sobre a Conferência do Leite e sobre os demais recursos educativos nela empregados, consultar Stancik (2002).